

O MUNDO DESABRIGA

Livro 73

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



SE CHORO

Se eu choro, se eu sofro, padeço atônito vendo esse tempo gasto me acenando gestos de resgate, gemendo às contusões. Vagarosamente, autorizo o próximo passo, não quero chegar à inércia que desaconselha a vida e as coisas do coração. Golpeio o vício de fingir que não é comigo, fico à espera de novas instruções. Desenterro algum manual.

Que me levem a passeio sem risco de tropeçar em alguma influência que aumente minha admiração pela vida. Bastam as queixas que colaboram com a minha desistência.



A TRISTEZA

Toda tristeza é lenta, contínua e onerosa. Apresenta-se como uma velha senhora exigindo respeito, limitando atos, determinando ordens e acabando com privilégios. Todos temem mexer com a tristeza e com os tristes,

que escondem uma fortaleza por detrás de uma fragilidade.

A cada dia, a tristeza desenvolve uma nova moral para confirmar sua vocação de articular os sentimentos de todos. Ela, a tristeza, nem sempre é triste; às vezes ela se faz anônima, desistente, sem esperança. Acaba com a condução do amor, dirige mal as paixões, prega a ruptura, promove a perda, ganha credibilidade disfarçada de realidade. É fonte de poder, calcula o eixo que orienta a ingenuidade. Manipula como se zelasse por grandes virtudes, finge respeitar a alegria, acaba com a privacidade, exaltando o egoísmo que quase sempre a acompanha. A tristeza define a vida como árida, afirma que o amor é uma doença, faz movimentos de anulação, forma insuficiências, valida os piores, enaltece o desperdício, predispõe um enamoramento com a morte e com o risco. A tristeza interpreta uma versão que junta os temores e as falências, coopera com a ruína, demite pais e filhos de suas funções, cria guerra entre gêneros, mantém morta a afabilidade e demite a gentileza. Estimula o pouco caso, e para manter-se viva, ilude aos que a adotaram, faz tomar medicamentos que alimentam o disfarce. Assim, ela se perpetua mantendo conquistado seu direito de ser nociva.

CICLO AMBIVALENTE

Tantos desacordos, grande acúmulo de desentendimentos. Inexistentes os interesses de um encontro. A falta de lugar e vontade desafiam as margens de negociação. O desequilíbrio entre as barreiras de oposição e as tentativas de extroversão ficam atravessadas pela falta de intimidade e pelo excesso de proibição. Parece que as conquistas são propositadamente mal construídas para não prosperarem. Seu ciclo ambivalente alimenta-se dos seus próprios limites, e sua presença é um desafio à prudência e ao amor. Quando a união cai em descrédito, condena-se ao fracasso.



PROVAS

É necessário que se leiam, e vejam marcadas as letras, estilizadas, letras que dizem e contam e promovam sorrisos, porque transmitem o que não se pode dizer pela voz, então, pelas letras se prove cada centíme-

tro como um arqueólogo que redescobre um tesouro, como mago que escreve um novo feitiço, como músico que escreve uma nova nota, como poeta que explora em um novo verso, como cozinheiro inventando uma receita, como astrônomo na busca da estrela, como um simples mortal que busca novas sensações, como tudo o que se queira.



A LETRA

Será a letra que comece a traduzir o que coração dita, o que a alma voa para dizer e o que todas as células sentem. Vão dizer o que falta, dessas faltas que ficam escritas no olhar que atravessa até o coração e que sem pedir licença se instalam e para quem enfeitiça, provocam saudades. Escrever contos que contarão o que faz falta, essas faltas que consomem.

VALEM AS LETRAS?

E de que valem essas letras? Os silêncios, as saudades, estreiam palavras nos silêncios, substituem os atos e preenchem as páginas em branco, dizem em voz alta e deixam sobre o papel o que as máquinas apenas podem memorizar, porque lhes faltam os afetos, as lembranças.



NUNCA SE SABE

Nunca se sabe em que lugares buscar, há que se dispor a encontrar, abrir as bibliotecas, varrer os pós, cavar, escavar, buscar nas novelas, nos contos, nos dicionários, nos porões, nos baús, nas memórias, como memoriais, como biografias e ensaios, porém sempre com palavras que lhes darão vida e sentido, e ressuscitem a inibição de quem não pode ou não sabe dizer.

FEITO REFÉNS

Feito reféns, cativos da ausência de símbolos, os humanos necessitam de intermediários para dar-lhes outras formas de existência, a tirar-lhes da solidão do silêncio com palavras ou com signos, manifestadas de mil formas em cores ou sons que substituam as pás e desenterrem suas limitações. Sempre haverá alguma escuridão que não ilumine e não ensine a ler, porque para sabê-lo não basta entender das letras, mas de compreendê-las e senti-las, de reutilizá-las e de com elas construir-se cartas de amor ou de intenções, com elas, criar identidades ou encerrar inquéritos.



DESMANCHE

Reduzem-se os ossos, adaptando-se ao fim. De posse do tempo, contestam as grandezas com uma desordem métrica. Abandonam a improvisação para cumprir seu destino. Nessa nova e constante ordem de coisas, se

aprumam, edificam novos espaços, refazem interesses, comidas, dentes. Tumultuam-se os desejos não cumpridos que se acotovelam no estreito e agitado caminho. À flor da pele, esses desejos fazem a prosa maior que o feito, revivem mais do que vivem, reforçam o significado dos pequenos gestos, das poucas palavras. Forjam insistentemente, sem fogo, pedem pequenos favores, esfriam e aquecem facilmente, absorvem tudo o que se lhes permite. Buscam sempre uma acolhida, dilatam as horas fugindo da derradeira. De nada lhes serve a aflição. No corpo do tempo, desaparece o viço e ele converte-se em extremos, onde falha a fé. Qualquer valor nunca o alcança, e ele regula o próximo passo como se andasse no precipício. Fala em voz baixa, emprega todos os recursos em cada ação, espera o súbito e a surpresa sem alardes, com um olho admirando, com o outro condenando. O corpo do tempo quase não confia. Bebe a água em pequenas e deliciosas porções, adormece por falta de estímulos melhores, remedia o mal com a falta de memória atual, tornando-se benemérito do resgate; vencido pela saudade, afrouxa o rigor, remoça o antigo romance, cala-se em surdas revoltas. Como um recurso providencial, renuncia aos afetos não ofertados. Frequenta o dia como um objeto

desprestigiado, repara que dele se despedem com ares definitivos. Posto como um complemento familiar repassa histórias, recupera memórias, repasta as jóias peripécias para repercutir e tornar a repor o passado, pelo tempo demolido.



O FALSO INGÊNUO

O falso ingênuo colabora com a vulgaridade com que se tratam temas nodulares, mas oferece um espaço para que se humanize a sua posição, tanto pela contradição discursiva que sempre diz menos do que se quer ver expressado como pela prática que se apresenta contraditória, pura confirmação de argumentos e figuras retóricas que entram e saem pelo ouvido sem oferecer elementos que contribuam com a formação do pensamento. Elas apresentam a “solução” ainda que a mesma seja o mesmo do mesmo, já tentado e fracassado. Oferecem argumentos para consolidar interesses de pequenos grupos de poder diante de grandes contin-

gentes de prejudicados pela ausência de reais enfrentamentos. A compaixão, a dor e o discernimento ficam soterrados até a próxima demonstração de fracasso das leituras predominantes em qualquer situação. A retórica da idade média ainda defende as predominâncias e oferece uma solução para os desequilíbrios sociais, políticos a perpetuar anomalias.



FAZER PENSAR A OCUPAÇÃO

Pretender fazer pensar é uma tarefa quase sempre decepcionante pela sistemática falta de respeito pelo mundo e por si mesmo. Se somado a isso aqueles em quem depositas tua confiança tratam com neutralidade aquilo que te aflige, que deixam as feridas abertas e se sobre elas se abrem feridas ainda maiores, não será surpreendente uma incerteza que põe em imediato contato com o mundo cotidiano frequentado pelo absurdo cotidiano. A redução ao absurdo se obtém mediante uma suspensão induzida da indignação e da reação que a noção de justiça promove em todo com-

portamento que transforma em banais evidências mal interpretadas. Esta condenação a uma ignorância fingida de solução desvia a possibilidade de elaboração de lutos desencadeados por situações traumáticas que ofendem e desorganizam a vida dos ofendidos. A relação trágica do invasor e do invadido não pode ser balanceada com os mesmos argumentos nem se esperar o respeito aos códigos de civilidade entre o que lança bombas na população civil e aquele que protesta esperando a próxima agressão.



O ESPETÁCULO

O espetáculo da excentricidade só tem valor para quem assiste à distância o horror alheio, a sociedade do espetáculo tudo teoriza, dá sentido a uma história de loucos, de perversos, de genocidas ocupando e invadindo a propriedade alheia. A ausência de humanidades é a ciência do horror que desconvida a esperança e que mediante uma passividade conivente dirige a desistir da arte de existir.

NOSSOS PRANTOS

Nossos prantos só se validam se existir uma responsabilidade dos líderes em romper o automatismo e promoverem soluções que nos ajudem a deixar de chorar, que nos afastem das mortalhas, que rompam com o estigma de acusar os mais frágeis porque eles certamente estão sofrendo o mesmo que todos aqueles que ainda pensam e sentem como humanos defendendo interesses da humanidade. Há uma enorme diferença na mente dos invasores e dos invadidos, dos bombardeadores e dos bombardeados, dos que sofrem e daqueles que triunfam festejando o sofrimento alheio. O perigo reside em que ambos se contagiam e se acostumam às paixões mais débeis e duvidosas. O perigo é desumanizar o inimigo, transformá-lo em coisa ou alvo, invisíveis, párias sem raízes profundas, sem histórias comuns à humanidade.

As causas das dores brincam escondidas ao redor daqueles que sofrem até o esgotamento, até que eles entendam os vários interesses que constroem a cegueira das suas crenças.

AOS ENSAIOS

Escrever ensaios fortalece o desejo ardente, desapropria a tristeza que fica sem ter onde se esconder. Neles se arquitetam novas paixões, descobertas nos lugares mais inauditos. Chamam de volta a imaginação. Assim, as mágoas caem por terra. Descobre-se as maravilhas do cotidiano, como escândalo de um amanhecer, o cheiro dos jasmims pelos canteiros que ousaram ficar por perto.

Recolhe-se os arquivos mortos sem violar as leis fundamentais, arranca-se a melancolia do seu crônico lugar e se anima o passado a fazer-se outra vez presente, alimenta-se o desejo de novamente viver.

Fazer ensaios é arremessar sonhos, andar aos trancos e barrancos contra a maré, mesmo que lágrimas irrompam e se precipitem enfurecidas contra o papel. As palavras brotam, partem para lugares ignorados até que se lhes destine onde cada uma deverá ficar.

Atiradas como surpresa, deverão roçar o incomum para desandar em arrepios, saudades, intrigas e enredos.

ILUSIONISTAS

Os falsos profetas se dedicam a predizer sempre o pior ou a prometer o que jamais será cumprido. Atam nossos pés e mãos ao que ainda está por vir, o futuro que nos atacará com maior fúria do que na falsa profecia anteriormente feita. Mandarei atrás deles enfurecidos reivindicadores que acreditaram neles. Sempre vejo os falsos profetas, na TV, no mercado financeiro, na fofoca. Vendem tranquilidade, estão nos consultórios disfarçados de hipóteses diagnósticas que depois jamais se confirmam. Uns se apresentam como mensageiros, outros como representantes de milagres, disfarçados ou a caráter mesmo. Leem mãos, pés, cinzas, pedras. Neles sempre haverá indício da farsa.

Na boca desses imprudentes visionários, a pior expectativa só se atenua quando o futuro se faz presente sem confirmação. Quando isso acontece, os sedentos de serem enganados mantêm a ilusão, trocando apenas de visionário.

ABRO UMA VOZ

Abro uma voz que diz o que não pode ser dito ao acaso, feito banal, uma voz impossibilitada de sofrer ausências, determinada a não fugir, movida para denunciar que corro perigo. Pensava resistir calado a tudo aquilo que tentado não guardasse, mais ansioso que acertado me fartei de silenciar fazendo-me de conta estar em porto seguro.



MITEZZA

O mite “deixa que o outro seja ele mesmo”, embora esse outro seja o arrogante, o presunçoso, o déspota. Não se relaciona com as pessoas para rivalizar, lutar e finalmente vencer. Desconhece o espírito de conflito, de concorrência e de rivalidade. A imagem que tem do mundo e da história, do único mundo em que gostaria de viver, da única história que gostaria de fazer, é a imagem do mundo e de uma história sem vencedores e sem vencidos; se não há vencedores nem ven-

cidos é porque não há supremacia, não há luta pelo poder, não há competição pela riqueza ...considero a mitezza como uma virtude...o mite nega-se à batalha destruidora da vida por aversão, pelo sentimento de validade dos objetivos perseguidos, por uma profunda repulsa pelos bens que estimulam a cupidez de tantos, pela falta dessa paixão que segundo Hobbes, era uma das razões da guerra de todos contra todos, a vaidade ou a ostentação, que leva os homens a querer distinguir-se; e finalmente, pela ausência total dessa obstinação ou dessa teimosia que perpetua as lutas por ninharias numa cadeia de vinganças e de represálias, de “você me fez isso, faço o mesmo a você”, de espírito de revanche ou de vendeta que, com o tempo, conduz inevitavelmente à morte dos dois ou ao triunfo de um sobre o outro. (Norberto Bobbio em O Final da Longa Estrada)

*mite e mitezza são palavras que a língua italiana, a única, herdou do latim. Já o francês não tem mite, mas tem mansuetude (mansidão, doçura) O francês emprega “doux” (doce, manso, amável, afável, meigo, ameno) em quase todos os casos em que Bobbio usa mite: um temperamento doux (meigo), um inverno doux (ameno).

OS HUMANOS SÃO

Os humanos são cada vez menos comprometidos na responsabilidade sobre os espetáculos e a informação que são oferecidas. Falsas participações, induções disfarçadas, seleções criando uma simulação de democracia exercida e diretamente executada. As entrevistas dirigidas à edição programada nos noticiários, a seleção de escolha dos comunicadores está diretamente comprometida com ideologias. A complexidade entre comunicadores e expectadores, a expansão do consumo, a circulação de diversas formas e repertórios. A alienação dos expectadores ainda permite a escravização imposta pelos meios de comunicação. A politização das formas de representação nas mãos de poderosos proprietários com clientelas dóceis e sem consciência crítica. Os direitos de comunicação e cultura ainda indefinidos permitem que até mesmo as maiores autoridades do país como juízes do supremo tribunal façam discursos mentirosos, totalmente fora da realidade, que em outros momentos mais honestos daria um diagnóstico de psicose ou perversão impossibilitando-os e exercer a profissão protegendo-lhes e à população prejudicada com as consequências de suas

decisões absurdas. Modelada a publicidade e a difusão de mentiras óbvias distorcendo a política dos países acaba sendo capaz de interferir até mesmo nos investimentos por malversação desonesta de dados.

Definitivamente o bem-estar das pessoas não passa por partidos políticos ou comportamento políticos pois esses não definem a realidade dos indivíduos, das instituições e dos Estados.



O MUNDO DESABRIGA

O mundo desabriga um número difícil de avaliar pela velocidade com que bombardeiam inocentes impunemente obrigando-os ao exílio. A fome, o abandono, as doenças da pobreza, a depressão crônica, a ausência de sonhos, a penúria atira no mundo alienado a ignorância que permite omitir quantas mortes diárias por doenças curáveis, muitos suicídios omitidos, muitas violências sexuais cometidas em meninas abandonadas nas mãos de bandidos ricos e pobres, políticos perversos e tra-

ficantes de vários produtos, de Brasília, de Milão, de Paris, de Londres, de Moscou, de Washington e nas comunidades pobres que formam o cinturão de miséria que as circundam excluídas da vida civilizada.

Claro, há graus de opressão e o maltrato, por conta das redes que levam e perpetuam as formas mais perversas de manutenção da pobreza duplamente instrumentadas, pelos partidos de direita e de esquerda alternando-se na manutenção de um sistema perverso e sustentado por inversores que programam investimentos, espetáculos, artistas, clubes esportivos cooptados, turismo induzido e negócios das energias. A Europa alienada por influência das corporações alheias à cultura. Editoras e meios de comunicação em mãos de grupos que detém a indicação e ela sempre será favorável aos donos do dinheiro do mundo.

“Produzir livros é fabricar produtos que se venderão porque Berlusconi trata como pacote os catálogos editoriais e sua propriedade sobre todos os canais de televisão italianos. Editoriais francesas como Hachette e du Seuil, e boa parte da imprensa do país, perdem sua autonomia ao serem incorporados a grupos empresariais que abarcam mega lojas Virgin, canais de televisão, comércio de armas, linhas aéreas e as li-

vrarias de muitos aeroportos. Schiffin documentou os usos monopólicos desses meios para apoiar, com censura as políticas francesas, o império de Murdoch, e Blair” assim como o apoio de facínoras que apoiam as guerras contra o mundo árabe, vítimas passivas desses monopólios a serviço dos sionistas e suas políticas de extermínio.



DITADO POPULAR

“O que por sabido se cala, por calado se esquece”.



Roberto Curi Hallal

